

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Bacharelado em Psicologia

Miguel João de Deus

Amor à rua como espaço de produção do comum

Porto Alegre
2022

Miguel João de Deus

Amor à rua como espaço de produção do comum

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia da/do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof^o Luis Artur Costa

Porto Alegre

2022

Resumo

Exploração conceitual e afetiva dos atravessamentos colocados pela experiência artística e clínica em campos de formação em psicologia que se assentam na exploração da sua relação com a rua, a partir de cenas produzidas em experiências de estágio. O Acompanhamento Terapêutico como ferramenta antimanicomial e sua relação com a cidade como forma de reelaboração das possibilidades de encontro e presença. O lúdico que perpassa o encontro com alteridade e a proposta do jogo como função significativa no deslocamento imaginário que opera a formação da linguagem. Retícula e tessitura como operadores conceituais exploratórios sobre a formação do imaginário. Experiências narrativas em arte contextual sobre as possibilidades da palavra e formas distintas de reinvenção dos laços sociais no ambiente urbano. Solidão e solitude na experiência da rua e os contrastes sociais que se implicam nas relações urbanas. Os deslocamentos possíveis dos lugares da rua e sua relação com lugares constituídos e constituintes da de certos modos de produção subjetiva contemporânea.

Palavras Chaves: Acompanhamento Terapêutico; Rua; Arte Contextual;

Resumen

Exploración conceptual y afectiva de los traspasamientos puestos por la experiencia artística y clínica en los campo de formación en psicología que sé establecen por la exploración de sus relaciones con la calle, de escenas producidas en las experiencias de las pasantías. El Acompañamiento Terapéutico como herramienta anti-asilo y su relación con la ciudad como forma de re-elaboración las posibilidades de encuentro y presencia. El lúdico que corre a través del encuentro con la alteridad y la propuesta del juego como función significativa en el desplazamiento imaginario que opera la formación de la lenguaje. Retícula y tejido como operadores conceptuales exploratorios sobre la formación de lo imaginario. Experiencias narrativas en arte contextual sobre las posibilidades de la palabra y formas distintas de reinención de los vínculos sociales en el ambiente urbano. Las soledades en la experiencia de la calle y las diferenciaciones sociales que están involucradas en las relaciones urbanas. Los desplazamientos posibles de las ubicaciones de la calle y su relación con los lugares constituidos y constituyentes de ciertas maneras de producción subjetiva contemporánea.

Palabras Claves: Acompañamiento Terapéutico; Calle; Arte Contextual;

Abstract

Conceptual and affective exploration of the crossings made by the artistic and clinical experience on psychological education, which are based on the explorations of their relations with the streets, through scenes made by internship experiences. The therapeutic companionship as an anti-asylum tool and its relation with the city as ways of re-elaboration of the encounter and presence possibilities. The ludic that runs through the encounter with the otherness and the proposal the game as a significant function on the imaginary displacement that operates the language formation. Reticle and weave as exploratory and conceptual operators on the imaginary formations. Narrative experiences on conceptual art about the word possibilities and its distinct ways to reinvent the social bonds on the urban environment. Loneliness and solitude through the street experiences and the social contrasts that are involved on the urban relations. Possible displacements of the conceptual place of the street and its relation with the certain relationship modes that constitute the contemporary subjective production.

Keywords: Therapeutic Companionship; Street; Contextual Art;

Sumário

<i>1. Introdução</i>	7
<i>2. O AT</i>	8
<i>2.1. Transformado no quê? Loucura e AT</i>	9
<i>2.2. A Privacidade do Espaço Público; ATnaRede</i>	10
<i>2.3. Consumida e transformada; Narrativa e Brincadeira</i>	11
<i>2.4. Parecem não serem; Uma estética narrativa</i>	14
<i>3. A Carroça</i>	17
<i>3.1. Fiquei com a carroça</i>	18
<i>3.2. Fiquei com a carroça... só; Privilégios do encontro</i>	18
<i>3.3. Penso se não seria parte; Carroça Reticular</i>	21
<i>4. A praça estava vazia; Considerações finais</i>	23
<i>5. Referências Bibliográficas</i>	26

1. Introdução

Em 1905, João do Rio¹ abria uma conferência declarando o seu amor pela rua. “Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.” E ainda hoje é mais amargo o riso e mais dolorosa a ironia. Mais um século passou, levando coisas e acontecimentos e continuamos a nos encontrar, nos transformar e variar, nesse espaço entre espaços, neste lugar entre lugares que é a rua.

Mas diferentemente de 1905, hoje a rua impõe novos desafios e possibilidades à existência e à produção de experiências. As mudanças nas formas de nos comunicarmos, coletiva e individualmente, nos equipamentos urbanos e ferramentas, nas nossas percepções e expectativas no encontro com o outro, estes deslizamentos no tempo compõem uma outra rua com outras peculiaridades, belezas, estranhezas e horrores. Ainda assim, persiste esse amor à rua, traduzido no encontro, nas trocas que se produzem em presenças que conectam as singularidades, que produzem esses sujeitos da nossa urbanidade moderna.

Usando as experiências em dois projetos bem distintos, mas ligados pelo amor à rua, o AT na Rede e A Carroça, como álibi nesta perspectiva de uma rua como espaço de produção do comum, de abertura subjetiva à experiência e dentro dos limites e imposições que balizam as interações sociais contemporâneas no espaço urbano, busco então explorar possibilidades diversas de jogo subjetivo, conformação estética, produção subjetiva, autonomia e saúde mental.

1 RIO, João do. A alma encantadora das ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

2. O AT

Descíamos a rua vazia em direção à praça.

Na ladeira inclinada caminhávamos lado a lado, em silêncio. Absorvendo a tarde que se abria depois de uma chuva matutina, as lajes ainda molhadas e canteiros úmidos, o viço redobrado das plantas na primavera com sua sede saciada.

Caminhávamos, descendo a ladeira, diminuindo os números das casas e prédios, passando pelos escombros de um incêndio que havia ocorrido na noite anterior, pelos restos daquilo que fora morada e que agora é ruína. Ali nos detivemos por um momento, observando as sobras do cotidiano marcadas a fogo. O cheiro de queimado ainda é forte, mas não agressivo, amadeirado, defumado, sem os olores plásticos comuns nos incêndios urbanos, lavados talvez pela chuva da manhã. A alvenaria das paredes ainda marcadas pelo fogo restava de pé, como uma lembrança da vida que agora jazia torcida, desmembrada e consumida. Transformada.

“Transformado no quê?” Me pergunto baixinho.

“Em nada.” Me responde minha companhia e seguimos caminhando, descendo. Em direção à praça.

Saindo das ruas silenciosas, no pé da ladeira, começamos a cruzar com outros transeuntes, outras pessoas, indo e vindo a pé, de bicicleta, de moto ou de carro e em meio ao trânsito nos percebemos como as únicas pessoas passeando. Todos ao nosso redor estão indo ou vindo, com objetivo, determinação, destino enquanto que nós passeamos.

A praça estava vazia, cheia de árvores e bancos, gramados e brinquedos, um pergolado repleto de vinhas e uma quadra poliesportiva. Cheia de coisas e agora não mais vazia já que nós ocupamos a praça. Criando presença no interstício urbano, estávamos lá e entre uma conversa e outra observávamos a vida passando ao redor, apressada cheia de deveres e destinos.

Nós passeamos. Quartas feiras pela tarde parecem não serem horas para passear, e lá estamos voltando na contramão da calçada, a nossa presença aproveitando na ausência dos outros, a privacidade do espaço público.²

2 Relato da experiência de um dia de AT.

2.1. Transformado no quê? Loucura e AT

Existe algo fascinante nas ruínas, arquitetônicas, ao menos para mim. A marca de um passado e de uma passagem, como uma escrita em blocos simbólicos que inscritos no presente se apresentam como alegoria da atualidade. As ruínas de certa forma são um *memento mori*, uma lembrança da morte e da finitude, da passagem do tempo e das transformações que se impõem sobre o desejo que erigiu um dia o que hoje é memória viva na paisagem.

Na sua destruição, as ruínas se abrem à mudança e a novas significações, transformam-se no eco do passado que é levado a apontar na direção do porvir e que responde com sua finitude às demandas atuais. Assim o Acompanhamento Terapêutico (doravante AT), como prática constituída propõe aos manicômios suas próprias ruínas, o fim dos espaços de reclusão da loucura como direção de futuro.

A loucura tem sua própria história, de substantivo transcendente como impressão dos deuses sobre os mortais na antiguidade, a adjetivo desqualificador nos ordenamentos moralizantes de uma sociedade fragmentada na idade média europeia. Seguindo essa linhagem civilizatória, no século XVIII, a loucura redobra seu aspecto moralizante, caracterizando a ociosidade como vício maior, de uma sociedade que se transforma novamente nas suas relações com o trabalho, produção e acúmulo de riqueza, tornando-se espaço físico e subjetivo de exclusão. Estes espaços abrigavam não só a loucura, mas propunham a reclusão dos sujeitos desajustados, daqueles que desviavam de uma utilidade social proposta. Ao fim do século, novas transformações surgem deslocando a loucura para o campo médico, separando-a do simples encarceramento e apontam a sua entrada no campo da razão a fins de conhecê-la e dominá-la.³

Assim, inaugura-se a doença mental sob as abas do positivismo e da primazia da razão e com ela os manicômios na sua versão mais moderna, como espaços de asilo e recolhimento da loucura. Gerindo estes espaços, agora médicos, está o psiquiatra, especialista, protetor da sociedade e portador da cura sob a égide de duas vontades, do tratamento e da moral. Essa loucura como doença, era vista como um mal do corpo e no corpo que se buscava curá-la, com trabalhos, banhos, febres, choques, sob o trauma e a contenção se buscava domá-la.

Ao longo do século XX, iniciam-se movimentos de contestação a estas estruturas asilares, em sua maioria motivadas pelo tratamento brutal submetido aos internos e as

3 EQUIPE DE AT DO HOSPITAL-DIA "A CASA" (org). A rua como espaço clínico: acompanhamento terapêutico. São Paulo: Escuta, 1991.

condições de vida que levavam nestes espaços. Ainda assim, só na segunda metade do século que a ineficácia destes métodos entra em questão e a loucura adentra o campo social, psíquico e político em suas discussões. Aqui, a loucura começa a retomar a sua voz com o movimento antipsiquiátrico e dá espaço à invenção e abertura que possibilitam o surgimento do AT.⁴

Cada uma destas transformações ao longo dos séculos, deixa para trás estruturas materiais e conceituais que apontam as direções possíveis de existência, erigindo ruínas sobre as quais se alçam novas possibilidades. Desta forma, a prática do AT se apresenta como ferramenta antimanicomial ao romper com uma clínica reclusa e fechada em uma individualidade, se colocando assim a acompanhar horizontalmente os percursos traçados nos territórios da pólis em que se habita, sem propor um lugar do saber e da doença. Acompanhante e acompanhado transitam para além do espaço discursivo, observando e participando dos laços culturais e afetivos que se fazem rede dos acompanhados. “A cidade, os seus espaços e tempos, restos e monumentos, em sua rica variabilidade, passam a ser concebidos como ‘matéria constitutiva’ e primeira dessa clínica.”⁵

2.2. A Privacidade do Espaço Público; ATnaRede

O Programa de Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, At na Rede, é um projeto de extensão surgido em 1998, que concebe a atividade do acompanhamento terapêutico em parceria com a Rede de Atenção Psicossocial, como ferramenta de atenção à saúde mental e como espaço de formação em saúde mental na perspectiva da implantação e análise da reforma psiquiátrica.

O projeto foca no atendimento às demandas por acompanhamento terapêutico feitas por diversos serviços de saúde e saúde mental, como os CAPS, residenciais, serviços da assistência social, como os CRAS, CREAS e casas de acolhimento e instituições do poder judiciário como o ministério público e a vara de penas e medidas alternativas.

O AT surge como prática nos anos 60 junto a comunidades terapêuticas e vai ganhando novos contornos mais recentes no contexto de uma política de saúde mental que busca implantar serviços e perspectivas que possam substituir as políticas manicomiais, de exclusão e reclusão, deslocando dos manicômios e sanatórios para as cidades o lugar do sofrimento psíquico. Assim, o AT como perspectiva se situa nos espaços do entre, transitando

4 *Idem*

5 Palombini, Analice. Utópicas cidades de nossas andanças: *flanêrie* e amizade no acompanhamento terapêutico. In: **Fractal**: revista de psicologia. v. 21, n. 2 p. 295-318. 2009.

os limiares entre os espaços físicos e subjetivos permeando não só as práticas e lugares clínicos mas também culturais, arquitetônicos e históricos.⁶

Assim, do mesmo modo que o AT faz ruínas do manicômio e toma sua desconstrução como possibilidade de invenção de novas práticas, também, de certo modo, a própria “loucura” que acompanha faz ruínas o tempo todo de certos padrões societários tomados enquanto medida da “civilidade urbana” e ainda, essa mesma “loucura” reinventa a clínica operada pelo AT. Deste trabalho voltado à desinstitucionalização da loucura, o AT se apresenta como ferramenta de formação em saúde mental, possibilitando aos acompanhantes uma experiência formativa singular, que se desloque para além das prescrições tipificadas, da neutralidade impassiva dos *settings* clínicos.

No momento em que o AT como ferramenta na reforma psiquiátrica desloca a prática clínica, para fora dos consultórios e hospitais, uma outra clínica não só se faz necessária mas se impõe no que atravessa cada passo. A prática no AT na Rede, tem um primeiro assento teórico na psicanálise, no acompanhar do sofrimento psíquico como sustento de uma narrativa que ao se produzir, abre caminho a reelaboração das singularidades em jogo, de seus vínculos e relações em seus próprios ritmos. Assim, a prática se propõe à escuta, a sustentar as narrativas do outro, em uma perspectiva deslocada do lugar clínico colocado pelo saber médico.

“A multiplicação dessas redes de dependências fortalece a autonomia e implicam em relação direta com a pretensão de um cuidado antimanicomial. Neste sentido, os serviços de Saúde Mental devem ter como eixo condutor a construção de modelos de intervenções que possibilitem a exploração do ato cuidador com a finalidade de produção de complexas redes agenciadoras de vida”.⁷

Não se fala mais em médico ou psicólogo e paciente, mas em acompanhante e acompanhado. Uma relação que tende a horizontalidade onde o acompanhamento não supõe um saber exclusivo e a intervenção não é posta hierarquicamente, mas construída em conjunto no próprio espaço que se habita, na busca por autonomia, não só sobre seu corpo e possibilidades, mas sobre a sua história e sua narrativa.

2.3. Consumida e transformada; Narrativa e Brincadeira

6 *Idem* 3.

7 Ferreira et al. Auto-organização, autonomia eu cuidado em saúde mental. In: Rev. Simbio-Logias, V.6, n.8, Nov/2013. UNESP. Acessado em :25/08/2022. <https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/revistasimbio-logias/auto_organizacao_autonomia.pdf>

A partir destas ruínas o que se constitui não é terra arrasada, nada, ausência. Antes pelo contrário, as ruínas se tornam espaços propositivos, promovem jogos de montagens diversas graças aos deslocamentos dos jogos que anteriormente restringiam a possibilidade de brincar com seus elementos, inventando possibilidades de constituição narrativa de si nestes jogos significantes.

De qualquer maneira, esse habitar do espaço da rua revela o caráter de gozo e reinvenção de si no encontro com o outro no ato de transformar a estética com a qual habitamos e percebemos a rua e ressignificar nosso lugar nessa construção que se faz cidade e fazer ruir as estruturas que cerceiam esse habitar dos territórios da cidade, de transformá-las em memória. Assim, nas ruínas dos muros subjetivos, ressignificamos nosso estar no mundo, jogamos com os conceitos e ideias, com os jogos de poder e palavra, com os significados e significantes.

Ao mesmo tempo em que se entende que o que não é passível de ser simbolizado encontra espaço de significação no jogo, na linguagem a metáfora se faz signo daquilo que não encontra meio de expressão. Assim, o jogo passa de função secundária do gozo à constituinte do sujeito e atravessa o espaço geracional – bebê, criança, adolescente, adulto – para se assentar como elemento pervasivo da cultura. Enquanto uma parte da psicanálise explora a metáfora e a metonímia como um jogo psíquico com os significantes, Huizinga em *Homo Ludens*⁸ traz o jogo como fenômeno cultural, explorando os diversos jogos que subscrevem a sociedade.

Com isso, o jogo e o brincar, por vezes se apresentam de maneiras distintas e eventualmente distinguem entre o infantil e o adulto, relegando a ideia do brincar como uma atividade infantil e permitindo, eventualmente, que o jogo possa ser tomado de uma posição mais “madura”, porém de fato, pouco se distinguem. Ambos a suas maneiras encerram atividades que, mesmo ao nível mais simples, ultrapassam a ideia de um fenômeno fisiológico ou um reflexo psicológico e compõe uma função significativa, que mesmo coexistindo com, independe da linguagem verbal.

Tomando o jogo/brincadeira como precursor da linguagem como ponto de partida, o autor explora a ideia do jogo como “forma específica de atividade, como ‘forma significativa’” e busca definir a ideia de jogo como a ‘imaginação’ da realidade – sua transformação em imagem – e sua manipulação. Assim, começa a traçar o aspecto lúdico que contém ou se contém nos rituais e mitos, constituintes das diversas sociedades, bem como nas estruturas de

8 HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000

poder e controle que formam a sociedade ocidental. Não que apresente o jogo como uma estrutura de poder e controle, mas entre os atos instituintes e instituídos se apresenta um jogo como forma significativa tanto do corpo social como da sua estrutura de crenças.

Há posta uma diferença entre o jogo e o aspecto lúdico de um fazer, como por exemplo, quando o autor fala dos jogos no direito e jurisprudência, dos jogos verbais e do caráter agonístico do direito, que mesmo tolhido nas regras do jogo, preserva e reserva o seu caráter lúdico à quem joga, os juízes e advogados. Assim, o lúdico passa a ser o que não serve a algum propósito, enquanto que o jogo pode se apresentar propositado ou despropositado, jogo sério ou de brincadeira, ao mesmo tempo que diferentes jogadores podem entre si, jogar junto e ao mesmo tempo, diferentes jogos. Essa determinação do jogo se dá pelo que está em jogo no movimento de jogar, destes significantes que se condensam e deslocam quando se põem em jogo. Coloca-se aqui também o caráter lúdico de explorar um conjunto de regras tensionando os limites do que é possível fazer/entender/ser a partir do (re)arranjo de tais regramentos: as regras e seus limites são tomados não apenas enquanto interditos, mas como territórios de experimentação que constantemente reinventam o que é possível.

Algo importante que emerge na digressão do aspecto de jogo do fazer jurídico, é o seu caráter agonístico, o desafio frente ao outro. O jogo não só propõe uma invenção internalizada de si, mas demanda uma emulação sobre que é colocado em jogo. Assim como o desportista profissional precisa emular seu oponente, o repentista também se coloca nesta situação de emulação, de igualar e superar uma capacidade ou feito. Da mesma maneira, irmãos ou colegas emulam os comportamentos uns dos outros em seu processo de constituição subjetiva, ou o próprio bebê em seu balbuciar que espelha o ato de fala, busca igualar a demanda da fala na busca pelo contato.

Levin⁹ quando fala da angústia na infância comenta que “a criança sustenta-se nestas imagens que não existiam e que ela irá criando à medida em que vai brincando” e que é na falta do deslocamento destas imagens, ou na sua fixação repetida e indiferenciada que o mal estar pode vir a se configurar em sintoma. Assim, teríamos um jogo ou um brincar ausente de seu aspecto lúdico, incapaz de deslocar os seus significantes, mecânico até no sentido em que a cada iteração não se cria diferenciação entre passado e presente. E isso não é um privilégio da infância, de certa forma não é só a criança que se sustenta em imagens imaginárias, que se criam em jogo.

9 LEVIN, Esteban. A criança: do organismo ao corpo. In **Proceedings of the 3. Colóquio do LEPSI IP/FE-USP**, 2001, São Paulo (SPSPSP, Brazil) [online]. 2002 [citado em 15 março 2022]. Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300009&lng=en&nrm=iso> .

Enquanto estes significantes jogam, eles se reestruturam, se reinventam, a cada iteração lúdica as sensações se condensam em uma ideia e propiciam um significado, o som se liga a uma ideia e eventualmente emerge a palavra, a nomeação, o outro e a cada jogo novas construções emergem, novas possibilidades de jogo se apresentam. Das sensações mais basais aos construtos mais complexos está em jogo o próprio ser, o eu do *eu sou* que tanto se faz questão pela sua ausência quanto pela sua presença.

2.4. Parecem não serem; Uma estética narrativa.

Assim, falando sobre essas multitudes, nos deparamos com os limites da possibilidade de narrar exaustivamente, seja a brincadeira, o sujeito, seja o mundo ao nosso redor, a ruína ou a arte, sem empreender a tarefa de buscar pela palavra em jogo nos processos de reconstrução dos seus significados. Tanto a estética (contágio de experiências) quanto a lógica (comunicação de informações) se dedicam de certo modo a estabelecer tais vinculações das experiências pelo narrar, se dedicam a produzir tais compartilhamentos de lugares narrativos por meio de jogos linguísticos (verbais, visuais, corporais, musicais, urbanísticos, etc.). Por um lado a estética que se conforma na intervenção na rua existe em cada perspectiva, cada sujeito e cada objeto que atravessa o espaço, não só no que é visto mas em como cada interação permite a resignificação do conjunto de relações que atravessa cada sujeito. Questionamo-nos se somos capazes de dar língua às experiências e às sensações que perpassam o nosso corpo no jogo do encontro com outros corpos e se essa língua seria capaz de ser lida pelo outro que encontra nossa narrativa. Nestes jogos narrativos que se estabelecem, estamos sempre experimentando os limites do (in)comunicável, do (in)compartilhável e, com isso, findamos por reinventar tais limites a cada jogada.

Quando falamos de algo, nós criamos uma referência, uma palavra, um objeto ou um signo que representa aquilo que buscamos narrar. Essa referência é, a princípio vazia, uma lente pela qual enxergamos o mundo e dizemos que existem coisas e estas coisas têm um modo, uma forma que surge no e do olhar. A partir disso, trazemos como operador conceitual a noção de uma estética reticular e o fazemos para poder enxergar a estética desta referência e pensar que, cada sujeito que cruza com ela elabora a sua própria estética no encontro.

A retícula é uma técnica gráfica que se produz no posicionamento de pontos próximos ou distantes uns dos outros de modo que, ao olhar para uma retícula, não se enxerguem os pontos mas uma imagem outra, pela relação fixa entre os pontos criada pelo olhar. Ao perceber-se algo, seja uma pessoa, um prédio ou uma árvore com uma distância

necessária, enxerga-se uma imagem que é sustentada pelas partículas componentes deste objeto, literal ou figurativo, em suas relações. Cada ponto de vista sobre algo apresenta sua própria imagem reticular, uma composição de partes constitutivas imperceptíveis, que formam um todo a partir do olhar, de modo que a identificação do que se percebe se dá pela relação do que está fora da nossa percepção.

Assim, um objeto composto em retícula também se apresenta como ponto em outras retículas. O estatuto de cada objeto enquanto tal, se torna dependente de como e de onde ele é percebido e narrado, se fazendo parte inteira de outras partes inteiras. Em outras palavras, a afirmação de que, por exemplo, uma rua, cercada por prédios e calçadas, atravessada por pessoas e veículos, com suas árvores e placas, compõe um conjunto, afirma esteticamente uma imagem de uma rua, ao mesmo tempo que cada parte componente do que determina a estética desta rua, forma em si uma retícula. Conforme a ou as interações destas imagens reticulares progredirem, os pontos da retícula apresentam outras formas, se ligam de outras maneiras e cambiam a imagem de modo que a retícula como tal se desfaz quando posta face ao tempo e a retícula se desfaz em ruína dando lugar a uma tessitura.

A Palavra tessitura, significa tanto o arranjo das notas musicais, quanto uma textura ou o padrão de um tecido, representa de uma forma geral a maneira pela qual as partes de um todo se arranjam ou organizam. Tendo em vista a tessitura como conceito, o próprio arranjo que até aqui colocava a relação no olhar da perspectiva conformando um ser arranjado em uma estética metafísica, dá lugar à produção do ser em relação. Ao transcender esse ponto de vista singular de um sujeito cognoscente fixo no tempo, surgem as relações entre os pontos da retícula como conformadoras da estética do objeto. O sujeito não mais é, mas se produz, ao longo do tempo e de sua existência. Evidencia-se, assim, que o sujeito, em cada ato, assume sempre uma posicionalidade colapsada no que se apresenta como um ponto (um lugar, uma posição) mas que também é a trama, a tessitura cerzida desde diferentes relações e uma multitude de posições-lugares outros em constante jogo com aquele afirmado pelo sujeito. Tal estética reticular e sua tessitura são, portanto, matrizes de diferentes jogos narrativos pelos quais mundo e sujeito se constituem ludicamente.

Assim, não mais se fala do que é feito, nem das coisas, nem das pessoas, não conta-se a estória das histórias dos outros, mas, a estória da experiência. Isso implica considerar que a percepção da nossa existência é atravessada pela historicidade destas relações, pela nossa inserção no tempo atual daquilo que já se encontrava existindo quando ela surge como possibilidade de ser. Assim, a implicação de uma narrativa, com fins de colocar ao outro a experiência de um espaço de existência, surge na historicidade dos atores envolvidos na

narrativa para dar fala à experiência, não do objeto mas dos sujeitos e de como se colam e colocam no mundo e em face ao mundo.

O ato de dar fala à experiência ressignificando os espaços de existência subjetivas através de uma construção narrativa, constitui *per se* uma experiência terapêutica, produtora de deslocamentos subjetivos e laços de interdependência, saúde mental e autonomia na capacidade de multiplicar os laços de interdependência.¹⁰ Assim, nos encontramos direcionados para além da psicologia como campo contextual, buscando os territórios de constituição subjetiva na cultura e mais especificamente neste caso, na intervenção artística nas possibilidades de complexificação desta tessitura reticular e pela consequente ampliação dos jogos que tensionam e deslocam os lugares narrativos cerzidos pelos sujeitos.

10 Renault, Letícia e Passos, Eduardo. Do Isolamento à Cogestão: A Gestão Autônoma da Medicação (GAM) com Familiares. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2022, v. 42 [Acessado 29 Agosto 2022], e235329. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003235329>>. Epub 11 Fev 2022. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235329>

3. A Carroça

“Fiquei com a carroça... só, durante um curto espaço do tempo.

Estão levando o trem e o pedalinho do parque embora, um testemunho dos tempos, das engrenagens enferrujadas que revolvem invisíveis sob a linha d'água. Os barcos do lago, uma instituição do parque, assim como tantas outras faliu, e assim como tantas outras, faliu por falta de uso. Talvez os cisnes de vidro encontrem a liberdade no rio grande ou virem sucata em Rio Grande, quem sabe? Só sei que me disseram que eles vão para lá.

As pessoas passam, a pé, correndo caminhando, de bicicleta, pessoas com e sem cães, sempre há cães no parque. Muitos cães, cães e chinelos. Mesmo no frio leve do início de maio. Penso se não seria parte de um uniforme, uma espécie de roupa que as pessoas usam para ir no parque, um cachorro e chinelos, algo que corra livre com os pés na grama. Chinelos não servem para correrem livres na grama, mas servem para tirar e correr livre na grama. Deixar de lado esse pedaço de civilização sob os nossos pés e correr, correr como os cães. Raramente vejo alguém correr como os cães no parque, talvez por isso os cisnes estejam indo embora.

Vejo na distância um homem de terno, com uma pasta executiva na mão, caminhando célere na direção contrária a de um conhecido vendedor de abacates. Ambos têm miolo, o abacate e a pasta e um caroço que deixa um vazio. Ambos tem uma cobertura coreácea e se um é o fruto da árvore, o outro é um fruto da civilização e que leva também lá os seus caroços.

Cruza rapidamente pelo parque um patinete, colorido e motorizado, silenciosamente seguindo ao ritmo da percussão desritmada daqueles que, sem pudor vão ao parque ensaiar e aprender ao ar livre. Despudorados sejam todos os que publicizam suas tentativas, suas ignorâncias, suas falhas, despudorados sejamos todos que aprendemos. Tambores, chocalhos, mãos e tempos que se batem levados pelos redemoinhos de poeira que, bons ou maus, os ventos nos trazem.

Ventos bons, Ventos ruins, que falam dos traumas dos parques, dos lados ruins dos brinquedos, que despudoram as nossas falhas e medos e trazem à tona aquilo que pudicamente guardamos conosco. O Sol também estava pudico, guardado pelas nuvens do lado de lá do céu e, ainda que os cisnes estejam migrando para o sul no inverno, ainda havia luz do lado de cá do céu.

08 de maio de 2019”

3.1. Fiquei com a carroça...

Direto do site do projeto,

“A Carroça ou Armazém de Histórias Ambulantes é uma banca itinerante de escambo que tem como sede uma carrocinha. Atuando nas ruas de Porto Alegre desde 2007, oferece aos transeuntes uma coleção de produtos singulares gerados em parceria com seus colaboradores espontâneos. A moeda necessária para levar o item desejado é a disponibilidade do interlocutor de contar uma história à/ao atendente de plantão. Os relatos recebidos retornam ao acervo d’A Carroça como novos produtos, gerando uma microeconomia poética, que faz circular fragmentos sensíveis, memórias e ficções anônimas.”¹¹

Esta circulação da palavra, esta economia poética que convida e acolhe o encontro, se assenta em uma borda e faz ponte. Na borda conceitual e acadêmica que divide a arte das outras atividades humanas em um campo que se apresenta por vezes como arte intervenção, ou arte contextual¹², a Carroça faz ponte entre a vida de passagem e a intervenção artística, entre autor e espectador, entre espera e pressa e nos convida a atravessar a ponte em uma direção outra, em uma linha de fuga.

Assim, Carroça é um projeto, uma ideia, um teatro, uma vadiagem, um álibi, um privilégio, tudo junto e muito mais, em suma arte. Falar das possibilidades de escuta e de encontro que o projeto insere no corpo urbano é também falar sobre a cor da carroça, a forma com que ela é decorada, suas grades negras, seu corpo vermelho o projeto de arte, suas rodas e seus eixos. Sobre as tardes ensolaradas no parque, sobre o escambo de histórias ou o negócio como álibi do encontro. Sobre as pessoas que correm, caminham ou passeiam no parque, sem contar aquelas que apenas flanam. Sobre os outros Carroceiros e os outros ambulantes, sobre o urso da Coca-Cola que bebe Pepsi, sobre as crianças e os cachorros que se banham no chafariz do parque, sobre as fotos e os envelopes, os desenhos das crianças e os desenhos no chão.

Deambulamos assim, nas conexões que a carroça promove, nas tessituras reticulares que compõem uma comunidade de histórias, de gestos, de corpos a reinventarem uns aos outros. São muitos lugares que se encontram nos caminhos da carroça e de sua flanerie a catar rastros de vidas e promover escambos entre estes.

3.2. Fiquei com a carroça... só; Privilégios do encontro

11 <http://www.historiasambulantes.com.br/nosso-negocio/> Acessado em 22/07/2022

12 ARDENNE, Paul. Un arte contextual: creación artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación. Murcia: Cendeac, 2002

Uma das ideias importantes que atravessam a Carroça é a da solidão, porém, para falar da solidão social e subjetiva que permeia esse existir da carroça, consideremos antes falar dos lugares. Um lugar se compõe por definição de um espaço delimitado com um conjunto de relações definidas. Este espaço pode ser um espaço físico, cujas fronteiras sejam traçadas por paredes, marcos ou até linhas abstratas, ou um espaço subjetivo, onde as delimitações são impostas pelas relações sociais, pela percepção de si na visão do outro. Mas, mais importante, as delimitações das fronteiras de um lugar físico ou social são, em parte, sempre arbitrárias.

O lugar enquanto espaço regado e delimitado apresenta-se como ente do mundo, uma coisa/objeto sobre a qual se pode estar e, estando, ser. O estado de ser em um lugar reveste-se das delimitações e relações do mesmo, possibilitando que quem ou o que esteja em um lugar se referencie a partir dos signos deste lugar. Assim como podemos afirmar nosso ser a partir das posições sociais que ocupamos, estando no lugar de carroceiros, tornamo-nos carroceiros. Esta passagem do sujeito entre lugares, se dá no cruzamento das relações entre os pontos da retícula, nas sobreposições da tessitura social rearranjando os espaços subjetivos a partir de uma perspectiva, de um ponto de vista que transita e apresenta novas facetas especulares.

Desta forma a Carroça se apresenta também como um espaço de solitude. Estar na rua, em espera pelo encontro com o inesperado, com a narrativa do outro, é um ato de solidão e a espera como ato que comporta o devir de um encontro se produz na solidão de quem ainda não encontrou o outro, na espera. Isso se mostra também, nas pessoas que se aproximam da Carroça, naquilo que elas trazem de si neste encontro que fala de uma solidão, onde suas relações não apresentam um outro que se coloque neste lugar de interlocução, neste lugar mútuo que se delimite pela existência em conjunto, um lugar do comum.

Esta produção de um lugar narrativo comum, ao mesmo tempo que sustenta uma solidão da espera, opõe um outro tipo de solidão, que tem raiz na tessitura social. Assim, se faz mister localizar contextualmente a Carroça em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no Brasil, no Brasil de hoje. Mais importante ainda traçar, mesmo que rapidamente, a contextura social e civilizatória que produz a cidade, o estado e o país. Um Brasil de possibilidades e potenciais, mas, ao mesmo tempo, de miséria e preconceito endêmico, de desigualdade econômica, um país, um estado e uma cidade cujas estruturas institucionais beiram a falência e com uma proposta social cada vez mais egocêntrica, um *laisse faire* social cada vez maior, onde os direitos mais básicos à subsistência são efetivamente privilégios de alguns. O próprio ato de sustentar a Carroça resulta de um privilégio social de alguns poucos, de poder

dispensar uma tarde por semana para conversar na rua com quem quer seja, em uma sociedade que preza pelo valor econômico e produtivo. Nós, carroceiros, podemos pagar o nosso tempo para estar com outras pessoas.

Nesta sociedade produtivista e sempre apressada, cujo valor social máximo encontra-se atrelado à estética própria do acúmulo pecuniário e na ocupação máxima do tempo disponível, parar para escutar o outro e negar o dinheiro como valor de troca, pode constituir ao mesmo tempo o sinal de um privilégio e/ou a proposição de uma resistência a estes valores sociais postos e a solidão que resulta deles: o gesto de compartilhar experiências com a carroça pode denotar tanto o acúmulo de tempo-capital que provê possibilidade de lazer quanto, também, pode denotar um gesto de deserção da lógica capitalística e sua busca incessante por produção de capital, deserção que se figura usualmente nas personas estigmatizadas do “vagabundo” e do “louco”.

Essa solidão capitalístico-urbana, surge de diversas formas e fontes, sendo a primeira e talvez principal, o pragmatismo social, a ideia de que as pessoas constituem umas às outras meios para uma finalidade de si, sendo a importância do outro, dada na medida daquilo que delese pode obter em termos de valor. Esta instrumentalização do outro, se encontra sustentada, primeiro em uma estética social, que provém da ideia da sociedade como um ente independente e distante de si, o qual atravessa ou interage e, portanto, essencialmente independente de si. Esta condição permite que algumas pessoas, que estejam quase ou plenamente identificadas com as estruturas relacionais instituídas, – que pautem suas relações de mundo de forma semelhante ou congruente com a forma com que elas imaginam que uma suposta Sociedade funciona, – se coloquem em estado de pertencimento com o corpo social. Porém, para quem não tem as condições materiais ou subjetivas suficientes, o afastamento e isolamento se torna compulsório e estas pessoas passam a ter como única alternativa de pertencimento a construção de um corpo social minoritário. A ideia de pertencimento surge aqui como oposta à solidão, como um espaço comum onde se pode estruturar a existência a partir de um conhecimento prévio e tácito do outro.

Aqui coloca-se, a primeira fronteira do lugar social, no pertencimento a uma estética identitária suficientemente específica para que a percepção do outro passe a ser disruptiva para a afirmação deste grupo identitário e esta forma de solidão. Esta fronteira do lugar social se apresenta nas mais diversas formas, desde nichos de consumo aos preconceitos raciais e de classe, passando pela especialização do conhecimento ou pela conformação dos núcleos familiares. Em parte, as fronteiras dos lugares sociais apresentam delimitações importantes aos processos de subjetivação, pois inserem um ordenamento capaz de estruturar o sujeito

frente ao mundo e permitem conformar a possibilidade de si na afirmação da diferença. Porém, se contingenciadas as possibilidades produzidas pela alteridade à manutenção das relações sociais estabelecidas, a tendência a produzir um afastamento seletivo em relação aos outros (pessoas ou grupos tipificados) se torna crescente. Tal dinâmica se faz uma questão para nós em especial quando pensamos as estigmatizações produzidas desde lugares privilegiados e hegemônicos em nossa sociedade que consistentemente excluem as possibilidades de encontro com a alteridade ao erigirem fronteiras duras entre diferentes modos de existir nas cidades. As trocas e compartilhamentos passam a serem interdidas por muros físicos e/ou subjetivos que se interpõem aos encontros. Com isso, podemos pensar a Carroça enquanto uma intervenção que busca retomar a hospitalidade diante da diferença dissolvendo, por meio de um jogo narrativo, hostilidades instituídas.

A contrapartida na troca, é a própria alteridade em jogo, pois haverá sempre um sujeito portador de uma diferença, na criação do objeto estético e este sujeito será sempre desconhecido e ignoto. A significação própria da afetividade que direciona a escolha coloca quem escolhe em uma posição inventiva sobre aquele outro que existe por trás do objeto escolhido. Os objetos do escambo foram produzidos por alguém e o próprio objeto é um vislumbre deste sujeito outro que se interpõe ao cliente da Carroça, a aquele que escamba.

3.3. Penso se não seria parte; Carroça Reticular

Em primeiro lugar, cabe apresentar a Carroça em uma dimensão reticular. Ainda que se tome o sentido do movimento carroceiro, que se produz na busca pela experiência do encontro, a forma do movimento Carroça se compõe de um arranjo variado e heterogêneo de sujeitos, de imbricações variadas, que quando juntas e tomadas a partir de uma distância discursiva, formam um conjunto estético que chamamos de Carroça. Esta imagem da Carroça, que é uma imagem vista pela distância de uma experiência fugaz, é, a nosso ver, uma discursividade comum da Carroça: um projeto de escambo de histórias, cujo negócio é a presença e a escuta; e as histórias, fotos e desenhos são o produto, o meio de veicular o negócio.

Pensar na Carroça como nó na tessitura social, não necessariamente vai além da imagem reticular da Carroça, mas coloca outra dimensão neste construto pensando o encontro e, conseqüentemente, como intercessora de uma relação eu/outro. Centralizando o nó da tessitura social como o ato de buscar pelo outro no presente do encontro, a Carroça como ente (a imagem reticular) se apresenta como um nó que revolve as existências que lhe atravessam.

A Carroça e a rua, mas em especial a Carroça na rua convoca aos sujeitos interpostos uma posição enunciativa. Isso significa que não apenas estes sujeitos produzem uma fala, mas colocam em questão sua posição intersubjetiva, quando são convocados a contar uma história a um outro. A Carroça não tem preferência sobre o que deve ser contado, desde que seja uma história própria de quem conta. Assim, coloca-se o interlocutor da Carroça na posição de excluir o endereçamento impossível, pois não há forma de considerar efetivamente a quem se dirige uma narrativa no encontro do singular com o reticular. Assim, o endereçamento da narrativa se volta, não a um sujeito ou pessoa em particular, mas ao nó que a Carroça forma entre as diferentes direções de existência. Gostaríamos de poder afirmar o mesmo sobre a relação entre a pessoa que atravessa a Carroça e o produto que de lá ela leva, ainda que possa-se pensar que os produtos sejam escolhidos por alguma evocação estética do mesmo.

Os produtos que a Carroça oferece se distinguem em três tipos: fotos, histórias escritas e desenhos. Eles são apresentados em uma parcialidade do ponto da retícula que se mostra e evoca a possibilidade de outras estéticas imagéticas ou narrativas. As histórias e narrativas escritas que chegam pelo escambo, são lidas e pensadas, dobradas e envelopadas com uma simples etiqueta do lado de fora que contém, não um título, mas um trecho da narrativa, uma frase ou palavra que joga com os significados, contextos e narrativas que circundam a história. Da mesma forma, os desenhos que eventualmente foram oferecidos no escambo, também são cobertos por um envelope, mas estes contém uma janela, um buraco no envelope, de onde se pode vislumbrar uma cor ou um traço, uma parte que anuncia uma existência extensa que se põe ainda oculta. Por fim, diferentemente das histórias e desenhos, as fotografias são mostradas em toda a sua extensão, colocadas à troca como cartões postais. Estas fotografias nos chegam como doações, de imagens inadequadas, remanescentes do passado da fotografia analógica, onde só se poderia saber se a fotografia efetivamente capturava o momento em imagem depois dos processos químicos que revelavam a imagem. Estas fotos eram imagens desfocadas, sub ou superiluminadas, fora de quadro ou testes de filme, imagens arruinadas, réplicas de um instante, que não significante para quem as tiraram se tornavam descartáveis mas que na Carroça inventavam novas possibilidades de significação estética.

Se afirmamos que há um reposicionamento subjetivo pelas tessituras reticulares que ocorrem no encontro com a Carroça por parte de quem conta uma história, é devido a uma consideração necessária à fala ao outro, demandando uma posição em relação a si. Inferimos que há também um deslocamento do lugar subjetivo no processo de escolha do produto, de que a aleatoriedade possível dá lugar a uma justa resposta deste outro reticular ao eu singular

e assim, ao mesmo tempo que liga sujeitos de maneira sincrônica, na presença do espaço da rua marcado pelo lugar da Carroça, liga sujeitos de maneira assíncrona, quando um busca na carroça aquilo que outro deixou lá. Essa intercessão entre os sujeitos, não obstante a distância espacial e temporal, produz um nó divergente no espaço social através do encontro, borrando a linha de divisão entre os entes, conformando a própria Carroça a partir dos seus atravessamentos e os sujeitos da Carroça pela própria Carroça, transformando o limite em limiar.

4. A praça estava vazia; Considerações finais

Entre os deslocamentos que se produzem a partir destes limites e limiares propomos então, a rua como um espaço relacional de análise, pela multiplicidade de atravessamentos que a rua coloca aos sujeitos. A rua em si, não é exatamente um lugar, ainda que isso possa ser afirmado em relação a uma rua em específico, a rua se apresenta por vezes como uma direção ou uma referência onde existem lugares. Há lugares na rua, casas, empreendimentos, prédios, praças, endereços e serviços, mas a rua per se não chega a ser um lugar, no sentido de um espaço que se fecha e interdita suas possibilidades de significação e por isso, no seu constante encontro com a alteridade da vida urbana se faz sujeito. “A rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!” já nos dizia João do Rio¹³.

A rua nasce da relação entre os habitantes de um território e destes com um núcleo urbano, um centro de poder social. Esta nascitura urbana se subjetiva pelas necessidades dos outros e conforme se estrutura, passa a colocar necessidades à aqueles que a atravessam e que com ela convivem, dialogando suas direções e continuamente transformando a si e à aqueles que a atravessam.

Assim a rua tornada sujeito, não mais é vista como espaço exclusivo de passagem, mas demanda de quem a atravessa um modo e um comportamento formulado pelo próprio processo que a subjetiva. Sair à rua implica em um modo de vestir, de se portar, de referências e especificidades a se observar, calçadas para pedestres, a direção dos carros, faixas, placas, sinais e estes modos por sua vez transformam e subjetivam a rua. Em cada cidade as ruas apresentam modos diferentes de atravessamento, guiando diferentes corpos de maneiras diferentes, se tornando parte do jogo de significações que compõe e imagina a realidade.

Ao se apresentar como possibilidade de alteridade, as demandas que a rua coloca permitem diferentes modos de abordagem. Assim, a vivência da rua provocada pelo encontro

13 *Idem 1*

com a alteridade que se faz proposta no acompanhamento terapêutico e na arte contextual, busca em certa medida a forma lúdica do encontro, da possibilidade de novas significações no encontro com o inesperado ao qual se abre a rua.

Porém na rua há de tudo que se possa encontrar nas cidades, tudo que produzimos como coletivo social, o que nem sempre é agradável ou pacífico o que convoca diferentes respostas ao encontro. Por vezes barramos, construímos muros literais ou subjetivos, sob o medo do que na rua vemos presente, do que a cidade reprime e recalca e ainda assim transborda pelas ruas, na busca por interditar as ruínas sobre as quais as cidades se fundam. Ainda assim, é ao se permitir à abertura ao lúdico da experiência na rua, na mudança de perspectiva sobre os elementos isolados e reticulares da cidade, que podemos enxergar a tessitura que se forma pela organização social que a cidade sustenta.

Navegar essa tessitura, portanto, requer uma disposição lúdica, aberta a ressignificações do que atravessa e se atravessa nesse sujeito outro que compõe o nosso espaço do comum. Brinca-se com o que passa, convocando o sujeito a um estado de borda entre a solidude que vaga e o encontro que se produz na presença de outros, transformando as fronteiras que sustentam a solidão como modo de existência em limiares que se abrem à diferença. Porém esse movimento não é fácil nem facilitado pelos modos como as vidas são organizadas. As demandas que são feitas à rua pelas estruturas que compõem as suas fronteiras, compelem à manutenção de uma ordem que se presume fundamental para existência coletiva nas cidades.

Assim, no espaço entre espaços que conforma a rua, ora erigimos muros e marcamos lugares em um confronto com as possibilidades de perigo que jazem no inesperado que a rua propõe, ora flertamos com o risco de uma morte simbólica que se coloca à nossa própria subjetividade que atravessada, se abre a mudança nestes encontros. Neste lugar de ruína simbólica do museu e da galeria, A Carroça se abre ao luto da figura da autoria, do domínio sobre a arte. Imersa em seu contexto, difunde a produção artística no encontro entre as histórias, brincando com modos constitutivos de urbanidade, deslocando a arte do seu lugar de contemplação para atravessar a vida no passo da rua. De forma semelhante, a prática do AT na sua construção sobre as ruínas das práticas manicomiais, situa a loucura como partícipe da vida social. Em uma clínica que se dá pelo encontro, é neste deslocamento estético entre o que está privado e o que se faz público que o narrar performa e que a abertura do *setting* provoca, que se constituem possibilidades outras de formação e invenção de novas estéticas do laço social.

Entre a ordem e o caos se brinca, se joga com as possibilidades que estas ruas, da clínica e da arte, provocam: a desorganização e a desrazão, a ludicidade louca que busca pela possibilidade de reformulação das narrativas subjetivas e sociais. Assim, no amor à rua se encontram A Carroça e o AtnaRede, como dispositivos ou ferramentas de agenciamento de encontros, de saúde, de arte, de formação profissional e cidadã, de laço social e cultura na hospitalidade dos afetos e narrativas que marcam as vidas e os corpos.

5. Referências Bibliográficas.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

EQUIPE DE AT DO HOSPITAL-DIA “A CASA” (org). A rua como espaço clínico: acompanhamento terapêutico. São Paulo: Escuta, 1991.

Palombini, Analice. Utópicas cidades de nossas andanças: *flanêrie* e amizade no acompanhamento terapêutico. In: **Fractal**: revista de psicologia. v. 21, n. 2 p. 295-318. 2009.

Ferreira et al. Auto-organização, autonomia e cuidado em saúde mental. In: Rev. Simbio-Logias, V.6, n.8, Nov/2013. UNESP. Acessado em :25/08/2022.

<https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/revistasimbio-logias/auto_organizacao_autonomia.pdf>

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000

LEVIN, Esteban. A criança: do organismo ao corpo. In **Proceedings of the 3. Colóquio do LEPSI IP/FE-USP**, 2001, São Paulo (SPSP, Brazil) [online]. 2002 [citado em 15 março 2022]. Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300009&lng=en&nrm=iso> .

Renault, Letícia e Passos, Eduardo. Do Isolamento à Cogestão: A Gestão Autônoma da Medicação (GAM) com Familiares. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2022, v. 42 [Acessado 29 Agosto 2022] , e235329. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003235329>>. Epub 11 Fev 2022. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235329>

A CARROÇA. <<http://www.historiasambulantes.com.br/nosso-negocio/>> Acessado em 22/07/2022

ARDENNE, Paul. Un arte contextual: creación artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación. Murcia: Cendeac, 2002